

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO DE CATÓLICOS E REGIONALISTA ★ Redacção e Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA — Assinatura Anual: 60\$ — Estrangeiro 100\$ — Ultr., Brasil, Espanha 80\$ ★ ANO XXVIII — N.º 530 — Melgaço, 15 de Dezembro de 1973 ★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Telef. 22455 - Braga

NATAL

A PROXIMA-SE A QUADRA FESTIVA DO NATAL.

A imprensa tem registado com destaque o número de combóios, que trazem milhares de emigrantes, que vêm a Portugal matar saudades com os seus familiares, e celebrar em conjunto a festa do Natal.

É o berço que os chama. Também o berço de Belém nos devia chamar a todos para contemplarmos a admirável lição que o Senhor nos dá de humildade, de desprendimento e de mortificação.

Só poderão compreender a lição de Belém os cristãos, pois estes sabem perfeitamente do que se trata em virtude de rezarem no Credo: «Por causa dos homens, por causa da nossa salvação, desceu dos Céus».

Para nós o presépio de Belém é luz, é fogo, e é bandeira.

Cristo iluminou o mundo, porque é a Verdade; acendeu fogo, porque trouxe o calor da Virtude; e é bandeira, porque a pessoa de Jesus é ao mesmo tempo estandarte de vitória e companheira de luta.

* * *

Junto do presépio de Belém, depois dos anjos, vêm-se logo os simples, os humildes, os pobres, personificados nos pastores. Vêm-se, também, os grandes representados pelos Reis Magos. E todos — grandes do tempo e humildes — ajoelham e adoram-no. O menino que contemplam é Deus.

O presépio de Belém lembra-nos que Jesus veio para todos, sem distinção de castas, de classes ou de cores. E veio para salvar a todos os homens, dando-lhes possibilidades de alcançar o Céu.

Mas, também, veio transformar o mundo em que o homem vive, destruindo as castas, porque todos somos iguais, e dando a todos os homens o mesmo direito à felicidade terrena, desde que esta se encaminhe para a dignidade e a virtude.

Cristo veio condenar as injustiças e eliminá-las, veio debruçar-se sobre os que sofrem, e libertar os oprimidos.

Não quis fazer de injustiça, da pobreza imerecida, da vingança e da opressão os meios seguros de O encontrar. Não. Cristo trouxe a Verdade, a Justiça e o Amor, nos quais os homens se encontrarão, desde que desejem sinceramente a paz.

Por isso este — a paz — tem de passar pelo presépio.

JÚLIO VAZ

GONÇALVES RAPAZOTE

Esta semana foram eleitas mais quatro comissões parlamentares, todas realizadas sobre listas únicas, e cuja composição foi já divulgada pela Imprensa diária. Ontem soube-se que para a presidência das comissões de Contas Públicas e de Defesa Nacional tinham sido escolhidos, respectivamente, os deputados Araújo Correia e Reboredo e Silva, e para as respectivas vice-presidências os deputados Nunes Barata e Ricardo Horta.

Aliás, para a presidência das comissões tem sido seguido o critério, quando possível, de a conferir a antigos membros do Governo. Foi certamente por este critério que o deputado Gonçalves Rapazote foi escolhido para presidente da nova comissão de Justiça, escolha que parece não deixar de ter sofrido alguma própria comissão, como no mas contestações, não só no seio Plenário, se atentarmos que, um

pouco insolitamente, o presidente foi o deputado que colheu menos votos na eleição da comissão. Efectivamente, dos 122 votantes, oito cortaram o seu nome e cinco o do deputado Elmano Alves. Já na eleição da comissão de Legislação e Redacção, a que ficou mais uma vez a presidir Albino dos Reis, o deputado Gonçalves Rapazote, também incluso no respectivo elenco, fora o único a receber cortes, seis.

Do «Expresso» de 8 do corrente

Época de Consoada

Nestas datas em que toda a gente se lembra dos outros e procura um mimo para os amigos, gostaríamos de lembrar aos assinantes de «A Voz» ainda em atraso a fineza de liquidarem a assinatura referente ao ano 1973 que está prestes a terminar. E se quiserem evitar segundo incómodo no ano próximo aproveitem a oportunidade e liquidem já 1973-1974 como fizeram bastantes assinantes e como costumam fazer todos: andar com as contas adiantadas.

Ao pedir esta fineza aos estimados assinantes que ainda o não puderam fazer estamos a pensar na boa consoada que dariam a quem tem de gerir a administração pois nos evitariam muito trabalho e despesa.

E podem fazer o pagamento ou pessoalmente em Melgaço, ao sr. Miguel Pereira ou para Braga

Largo da Senhora-a-Branca, 105

Por vale de correio ou cheque bancário.

Pagaram 1973:

José Esteves, António José de Freitas.

Pagaram 1974:

Manuel Francisco Henriques, Dr. Amadeu de Carvalho, Tenente Agostinho Alves, Dr. Graciano Ferreira Alves.

AQUI ONDE PORTUGAL COMEÇA

Aqui onde Portugal começa, foram iniciados em 1958 os trabalhos de abertura da estrada do lugar de Pomares para as freguesias de Parada do Monte e Gave, mas até à presente data, aquelas duas localidades continuam isoladas do resto do concelho sem vias de acesso para viaturas automóveis. Os velhos caminhos vicinais que as ligam à estrada mais próxima, cheios de pedregulhos, águas e lama, mal se podem percorrer a pé. Recomeçaram recentemente os trabalhos de um caminho municipal pelo Lugar da Cela para a Gave, mas ainda não é desta vez que aquela freguesia ficará bem servida. Caminhos já lá existiam há muitos anos. É este que a Câmara teima em prosseguir, não serve os interesses da população, porque é demasiadamente estreito e só serve para a circulação de automóveis ligeiros e tractores. No pontão existente no Lugar do Branqueiro, não podem passar viaturas pesadas próprias para os transportes de materiais de construções.

Para que os leitores tenham a possibilidade de tirar uma conclusão destas minhas afirmações, basta saber que a Ponte da estrada de Parada do Monte, custou mais do dobro de dinheiro que o Estado concedeu para o caminho municipal de Pomares até à Gave.

Estão em curso os trabalhos de gigantesco Parque de Jogos que custa muitos milhares de contos nos limites da freguesia de Rouças, mas a estrada que da Ponte da Carpinteira liga aquela localidade passando por Fiães até à fronteira de Espanha, está quase intransitável. E, enquanto a maior parte das aldeias deste concelho continua sem estradas nem energia eléctrica, a Câmara Municipal, sob a presidência do dinâmico Dr. Sidónio de Sousa, pretende gastar grandes quantias de dinheiro com a electrificação do Castelo e com o arranjo do Largo Hermenegilde Solheiro e da Praça da República da Vila. Sempre tenho dito que deviam dar prioridade às obras de maior necessidade, até porque o Parque de Jogos não corria pressa, mas os fanáticos adeptos do jogo da bola, afirmam o contrário. Não seria um castigo bem merecido e que podia servir de exemplo, a desordem que se deu no passado dia dois do corrente durante um desafio entre os jogadores do Sport Clube Melgacense e os de Paredes de Coura? Devido à falta de educação de certos fanáticos que não sabem assistir a um desafio de futebol com a devida correção, a desordem foi de tal violência, que no final, um espectador saiu do campo com uma perna partida. Oito praças da Guarda N. Republicana armadas de espingarda, viram-se e desejaram-se para restabelecer a ordem.

Eu estava no local e posso garantir que a culpa de tudo quanto se passou, foi dos figuras que provocaram o conflito e não da Guarda como alguém afirma. Os agentes de autoridade merecem ser devidamente respeitados, desde que as suas ordens sejam legais. E, na época em que neste País tanto se trabalha pela Educação Nacional, se os espectadores dos desafios de futebol tiverem consciência e vergonha não vão provocar desordem nos recintos dos jogos nem proferir obscenidades na presença de senhoras e de crianças de tenra idade, como aconteceu, aqui onde Portugal começa.

Caso contrário, mais vale que o Campo de Futebol fique para recinto de feira de gado.

Manuel Caldas

Obras Municipais

Na reunião de 3 de Outubro a Câmara de Melgaço deliberou abrir concurso para a efectivação das seguintes obras concelhias:

1 — Abertura do caminho Municipal n.º 1144, desde a estrada nacional n.º 202 (Peso), a Paderne, incluindo terraplanagens e obras de arte na extensão de 2789m, sendo a base de licitação de 993.252\$00;

2 — Abertura e pavimentação do caminho municipal n.º 1148 (lanço do Maninho a Bouças, na extensão de 1081 metros, sendo a base de licitação de 443.297\$;

3 — Abertura do Caminho Municipal de 1139, desde a estrada nacional n.º 301 (S. Gregório) a Cevide, incluindo terraplanagens e obras de arte na extensão de 1735 metros; sendo a base de licitação de 431.315\$;

4 — Pavimentação do Caminho Municipal n.º 1156 da estrada nacional n.º 202 a Urjaz, na extensão de 923 metros, e com base de licitação de 140.086\$00;

5 — Obra de pavimentação do caminho municipal n.º 1155 à Cela, na extensão de 889 metros, sendo a base de licitação de 181.934\$60;

6 — Arranjo do Largo Hermenegilde Solheiro, na Vila, com a base de licitação de 763.947\$;

7 — Arranjo da Praça da República, também na Vila, com a base de licitação de 687.182\$;

Estes concursos foram anunciados no Diário do Governo de 29 de Novembro e tiveram a sua efectivação, no dia 5 do corrente mês de Dezembro.

Não sabemos se alguma ou todas as obras licitadas foram adjudicadas neste primeiro concurso. Oxalá que sim e que quanto antes estejam realizadas. Oxalá sobretudo que se levem avante outras obras de tamanha ou maior necessidade e que muitos Melgacenses não só esperam como exigem porque lhes assiste pleno direito.

«A VOZ DE MELGAÇO»

deseja aos seus assinantes, anunciantes e colaboradores, e a todos os Melgacenses

FELIZ NATAL

Da Vila e Concelho

PELO NOSSO HOSPITAL— A Mesa desta Santa Casa da Misericórdia, agradece a todos quantos com a sua ajuda tem contribuído e continua a auxiliar esta exemplar Obra de Assistência. Donativos recebidos: D. Maria de Lourdes Alves, Portela de Chaviães, 400\$00; Manuel de Sousa Lobato, França (por intermédio do sr. Fabiano da Costa, 450\$; Anónimo, 250\$; Miguel Pereira, 100\$00.

Também a sr.a D. Lúcia Borges Viana, da cidade do Porto, que por mais vezes tem feito várias ofertas, mandou, por intermédio da sr.a D. Maria de Castro Ranhada, do Pêso, entregar diversas roupas em bom estado, para os Asilados do Lar Pereira de Sousa. O sr. Abílio Augusto Afonso, comerciante, desta Vila, tem entregado por várias vezes, alimento em optimo estado de conservação, para os internados do nosso Asilo. A todos o muito obrigado da Mesa desta Santa Casa, pois onde todos ajudam nada custa, e que Deus lhes dê muito para podermos auxiliar esta Grande Obra de Assistência.

MOVIMENTO HOSPITALAR—Durante o mês de Novembro de 1973, verificou-se o seguinte: Serviço do Banco: Curativos 216, injecções 560, radiografias 8, análises 12. Internamentos: 7 nas enfermarias; 5 na Maternidade.

FUTEBOL—Realizou-se no passado dia 2-11-73, no campo de jogos Dr. Sidónio Soares de Sousa, o último desafio da Taça Dr. Vasco Faria, tendo o nosso grupo enfrentado o Sport Clube Courense. Venceu o visitante por 3-1. O nosso Clube, depois de estar a vencer por 1-0, devido a diversas intervenções inoportunas do juiz de campo, acabou por perder por 3-1. Nem tudo correu como se esperava, mas paciência.

COMBUSTÍVEIS—Apenas com as bombas da Sonap a fazerem o abastecimento ao público, podem os Melgacenses dar-se por satisfeitos, pois nesta Terra ainda não se sentiu a falta de gasolina

ou gasóleo; verifica-se através de imensas localidades os graves prejuízos causados pela falta de tão precioso líquido. Estão pois gratos a maioria dos condutores não só Melgacenses, como até de fora da nossa Vila, à estação de Serviço Lima, pela maneira como está procedendo. Oxalá que tudo sempre assim siga.

PROMOÇÃO HONROSA—Por portaria de 22-8-73, acaba de ser promovido ao alto posto de Tenente-Coronel, o nosso presado assinante e amigo, sr. Alcino Alberto Vieira, que durante vários anos Comandou com muito apuro, zelo e dignidade, a Secção da Guarda-Fiscal de Melgaço. Muitas felicidades deseja a V. Ex.cia «A Voz de Melgaço».

FALECIMENTO—Em Lisboa, faleceu o nosso presado amigo Alfredo da Rocha, o tão popular Pinga, que em Melgaço gozava das maiores simpatias. A sua família apresentamos o nosso pesar profundo, e que a terra lhe seja leve são os nossos votos.

De Chaviães

Dezembro de 1973

DIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO—Conforme estava programada, realizou-se, ontem dia 8, na capelinha do lugar da Quinta, onde se venera a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, uma festa em sua honra.

Apesar do dia se ter apresentado um tanto agreste, não quebrou o ânimo do grande número de fiéis, que ali acorreram para assistirem especialmente, aos actos do culto.

A Santa Missa, teve lugar ao meio dia, sendo o Orador Sagrado o Rev. P. Araújo. A procissão organizada no final da Santa Missa, este ano percorreu itinerário diferente dos mais anos, em virtude de se projectar a mudança do cruzeiro situado no cimo de um monte, para a margem da estrada em construção.

A festividade foi abrilhantada pelo grupo de gaiteros de Parada do Monte que não só fez o acompanhamento da procissão como também o cântico da Santa Missa e pela Cabine Sonora Melgacense.

Da parte de tarde houve arraial muito concorrido, apesar da atmosfera desfavorável.

INAUGURAÇÃO DE MELHORAMENTOS—Ontem não foi só dia grande para o lugar da Quinta por ser dia de Nossa Senhora da Conceição, como também por ser a inauguração de melhoramentos feitos nestes últimos tempos no arranjo da capelinha, cuja despesa orçou em alguns milhares de escudos, que foi paga por subscrição feita.

Foi inaugurado também um grande largo terraplanado por um contrapila, ficando a fazer parte do recinto da capela, cuja cedência gratuita se deve ao Sr. António Armando Alves e a sua esposa sr.a Esmeralda Alice Mendes, comerciante e proprietário do lugar da Igreja, dando-lhe assim maior valor e mais graça àquele local.

MAIS UM GRANDE MELHORAMENTO PROJECTADO PARA ESTA FREGUESIA—Além do restauro a fazer-se futuramente na igreja paroquial, cujo subsídio do Estado, conforme já foi dito, ronda nos 200 000\$, projecta-se a colocação de bancos e um relógio eléctrico ou electrónico, na torre.

Este grande melhoramento não só vem satisfazer o desejo de muitos Chavianenses, como orientar as donas de casa nos seus afazeres do dia a dia, especialmente àquelas que por necessidade se tenham de ocupar nos trabalhos agrícolas.

EMIGRANTES VINDOS DA FRANÇA—Já aqui se vêem alguns emigrantes, que na companhia dos seus familiares e amigos vêm passar as solenidades do Natal.

VINDA DO BRASIL—Encontra-se de novo no seu Lar da Saudade no lugar do Val, o sr. Amadeu Abílio Lopes.

Para todos as nossas felicitações de boas-vindas.—(C.)

De PRADO

É com o máximo prazer que levo ao conhecimento dos leitores deste quinzenário «A Voz de Melgaço» o que se passa com os componentes da família de Prado, em especial aqueles que lá longe lutam com o fim de conseguirem economias para com elas embelezarem a sua terra Natal fazendo dela os mais lindos jardins de Portugal, visto belezas naturais lhe não faltarem. Vão regressando com o fim de matar saudades passando as Festas da Família com os seus familiares, que os recebem com o máximo carinho de que são merecedores, não só pelos pais de avançada idade como pelas esposas, filhos e vizinhos.

É seu desejo continuarem a trabalhar e que fazem?... Aqueles que foram uns simples trabalhadores rurais que nada possuíam compram parcelas de terra abandonadas, por qualquer preço, fazem plantações em especial substituem a vinha morta por vinha nova, mandam construir ramadas em ferro e arame e preparam a terra para novas culturas. Que importantes exemplos esses emigrantes dão!... Os quais não a eles como aos que trabalham para aumentar os rendimentos desta sagrada terra portuguesa:

Gaspar Cortes, António de Sousa, Aníbal Gonçalves, David Augusto Esteves, António Soares, Manuel Beites, Alípio Gonçalves, José Marques, Alberto Marques, Carlos Lourenço, José Mendes Pinto, Emídio de Castro, Manuel Rocha, José Luís Domingues Henrique, Adjuto Domingues, Adriano A. Dias.

REGRESSO—De Lisboa veio a fim de matar saudades tendo seguido após ter permanecido junto de seus pais apenas três dias, José Lourenço Gomes de Sousa.

FALECIMENTO—Foi em 26 do p. p. que faleceu no lugar do Bouços com a idade de 89 anos, Maria Generosa Lourenço, viúva, era mãe de Artur Gil, António Gil, Luís Gil, Dona Gil, Angelina e Deolinda Gil a quem «A Voz de Melgaço» envia sentidos pésames. O seu funeral foi no dia seguinte para o cemitério desta freguesia, acompanhando o mesmo muitas pessoas de família e vizinhos.

M. S.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

SEGUROS

- * Acidentes pessoais
- * Acidentes no trabalho
- * Aéreo
- * Agrícola
- * Automóvel
- * Avaria de máquinas
- * Caça
- * Incêndio
- * Inundações
- * Quebra dos vidros
- * Terramotos
- * S. Cristovão
- * Vida

Trata: *Miguel H. G. Pereira*

Rua da Calçada — Telefone 42212 — MELGAÇO

LOJA DOS PEREIRAS

TEL. 43111

MELGAÇO

TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

A CASA DO BOM CAFÉ

MERCEARIA FINA
FAZENDAS
CORRESPONDENTE BANCÁRIO

Vinho do Porto **BARROS**

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido



Lágrima Christi **BARROS** em França o mais apreciado

De Castro Laboreiro

25-11-1973

PONTE DE DORNA—No dia 14 iniciaram-se os trabalhos da ponte de Dorna com trabalhadores e pedreiros do Lugar do Ribeiro. Pela muita necessidade que têm da Estrada é que os homens do Ribeiro vieram trabalhar.

Agora esperamos pelas máquinas para fazer o resto da Estrada para a povoação do Ribeiro que tanta falta faz para transportar os postes para a luz.

VINDOS DE FRANÇA—Já se encontram muitos emigrantes desta freguesia, mas é impossível dar notícia de todas.

DO CANADA—Chegou há dias o

nosso amigo Alberto Conde, do Lugar das Felgueiras.

Também há dias partiu para o Canadá o nosso Amigo Álvaro Barreira do Lugar de Queimado. Desejamos-lhe boa viagem e feliz regresso.

FALECIMENTOS—Faleceu há dias no Lugar do Outeiro o sr. Albino, marido da sr.a Maria Inácia.

A toda a família enlutada os nossos sentimentos e paz à sua alma.

No dia 14, faleceu no Lugar de Queimado a sr.a Brazelina, esposa do sr. Domingues.

A Família enlutada os nossos sentimentos, e paz à sua alma.

Faleceu no dia 15 o sr. Elias, do Lugar dos Entais e Picotim.

A Família enlutada, filha e filho, e genro os nossos pésames.

A. A.

STAND MELGACENSE

DE AMADEU GOMES

Telef. 42104

Agente exclusivo em Melgaço e Monção: das famosas marcas alemãs de frigoríficos **BOSCH** de Rádios e Televisores **BLAUPUNKT** de electrodomésticos **GRUNDIG**

Agente exclusivo em Melgaço, Monção e Valença: das Balanças e material **A. PESSOA**

Agente exclusivo em Melgaço: do **GÁS MOBIL**, da **PHILIPS** e das inultrapassáveis motorizadas **FAMEL-ZUNDAP** e **SACHES**

DÊ A SUA PREFERÊNCIA AO **STAND MELGACENSE**

Além das melhores marcas é o único que possui electricista próprio para garantir a devida assistência e para fornecer orçamentos grátis

Se tem qualquer dúvida, consulte-nos

NINGUÉM O FORÇARÁ A COMPRAR

Pela Câmara Municipal Secção de Rescaldos De COUSSO

7.ª Ronda das Sessões

IV

Melgaço, 26 de Novembro de 1973

Ex.mo Senhor

Director de «A VOZ DE MELGAÇO»

Largo da Senhora-a-Branca, 105

BRAGA

Ex.mo Senhor:

Ao abrigo das disposições pertinentes da Lei da Imprensa, rogo a V. Ex.cia se digne publicar, no próximo número de «A Voz de Melgaço», inserto sob o título «PELA CÂMARA MUNICIPAL» e na 3.ª página ou equivalente, o seguinte esclarecimento aos artigos publicados sob o mesmo título nos números de 1 e 15 de Novembro corrente desse jornal.

Em artigo publicado no número 524, de 15 de Setembro findo, sob o título em epígrafe e nesse jornal, fez o autor, P.e António Rodrigues, várias afirmações menos verdadeiras.

O amor e respeito devidos à verdade, impuseram-me as rectificações que vieram a lume no n.º 526, de 15 de Outubro findo, ainda desse jornal.

Argumentando que a verdade não tem duas faces, entendeu o P.e António Rodrigues reponder àquele meu esclarecimento, divagando já ao longo de dois números desse jornal, precisamente de 1 e 15 de Novembro corrente, em prosa de indiscutível carácter demagógico e com nítido propósito de esconder a verdade, desmortejar os leitores e amesquinhar o meu nome.

Não vou, asseguro-o, aceitar polémica com quem se mostra animado de tais intenções e se permite, sem conhecimentos de espécie alguma, discutir problemas de estrito carácter jurídico, jogando com um acórdão do S. T. J., dele tirando conclusões que não contém e aceitando-o como lei que está longe de ser.

Nem sequer vou tecer considerações sobre o verdadeiro valor e alcance dum acórdão, mas apenas repetir que a actuação do Prof. Vaz não foi, de modo nenhum, uma actuação ilegal.

Encontre o articulista interlocutor válido e estou disposto a demonstrar, invocando as razões de facto e de direito ao caso pertinentes, em que alicerço esta minha afirmação.

Pois, foi com tal literatura, à mistura com considerações e comentários impertinentes, que o P.e António Rodrigues procurou convencer os leitores que estava do seu lado a face da verdade.

Foi lançando-se pelo caminho da divagação literária, da especulação jurídica e duma viciada lógica silogística, que procurou semear a confusão nos espíritos, assim tentando esconder a leviandade, a falsidade das suas afirmações.

Por isso, e só por isso, resolvi lembrar-lhe, mais uma vez, aquilo em que faltou à verdade, ludibriando a boa fé de tantos leitores.

a) O P.e António Rodrigues afirmou que «as diligências que a Câmara da presidência do Dr. Sidónio promoveu, não foram coroadas de êxito, não foi reconhecida a necessidade de expropriação por utilidade pública».

... «A Câmara não foi atendida».

Ora isto é falso, pois a Câmara não chegou a promover quaisquer diligências no sentido de executar aquela sua deliberação.

b) O P.e António Rodrigues disse que «do erário municipal teriam de ser pagos os tubos, as expropriações e os trabalhos», com a água oferecida pelo Prof. Vaz.

Mas também isto é falso, pois o Prof. Vaz, juntamente com doação da água, fez doação de todas as despesas, incluindo as necessárias à aquisição de tubos, expropriações, trabalhos, etc.

c) O P.e António Rodrigues afirmou que o Professor Vaz «teve água ao domicílio».

E ainda isto é falso, pois nunca teve água em casa e ter um tubo que conduz os sobrantes dum fontenário para os «rosários», não é, de modo nenhum, ter água ao «domicílio», não é, de modo nenhum, ter água «ao domicílio».

d) O P.e António Rodrigues escreveu, textualmente: «Só continua sem água em casa o sr. Prof. Vaz, porque lhe fizeram o que ele fez primeiro».

Ora, dizer que só o sr. Prof. Vaz continua sem água em casa, significa, a todas as luzes, que todos os outros a têm, o que é, igualmente, falso.

Registe-se que o articulista nega ter afirmado que os habitantes do lugar do Telheiro tinham água em casa, o que pode significar que não mediu o alcance das suas próprias afirmações.

Criei esta secção, como o prezado leitor já descobriu, para afinar antigas afirmações inexactas vindas a lume no *Audaz*. Os desconchavos proliferaram como cogumelos em terra podre.

Alguns desconfio que tenho de os mandar para o refúgio sem concerto, por falta de tempo e espaço, mas, se isso acontecer, declaro que é contra minha vontade.

Às vezes repito factos para maior compreensão dos leitores que me não têm acompanhado.

Para que ninguém estranhe aqui fica a explicação.

Hoje vou fazer um leve comentário: e uma correção a algumas afirmações do dr. Abel Vaz sobre o «Caso das Águas de Chaviães».

O Caso é já velho, as afirmações são do tempo do Caso; só o concerto e o comentário, porque de agora, são nossos.

Toda a gente do meio melgacense sabe que o conflito entre os regantes da Levada da Candosa e dois «beneméritos», apoiados por autoridades extra-concelhias e extra-ministeriais e um reduzido grupo local, terminou por um acordo amigável, obra do então Presidente da Câmara, prof. Rodrigues.

Ao acordo ninguém atribuiu valor jurídico, mas foi de efeito prático e eficaz. Tem a aprovação do Ministério das Obras Públicas que não consentiu que lhe tocassem, como era vontade de alguns.

O dr. Abel Vaz, que «torcia» pelo grupo oposto ao dos regantes, não gostou do acordo.

De olho conspícuo olhou-o, remirou-o e falou muito, que a Câmara exorbitara da sua competência, que ficou desde logo muito apreensivo, quando ouviu falar do «milagre» dum acordo, que lhe custou a acreditar que fosse verdade, que não tinha palavras para definir o que lera, etc., e, depois do alto do seu eu autoritário, fulminou esta sentença: é «desprestigiante e desastroso»; e o mais que se verá!

Mas vamos ouvi-lo primeiro e, depois, virá a dissecação da parte do escrito que ainda o não foi.

Falou assim:

«Porque se deixaram chegar as coisas a este ponto, para fazer acordo tão desprestigiante e desastroso para a administração pública?»

Não coraram — quereria dizer corariam — de vergonha os seus autores ao ouvirem estrear de foguetório a conferir foros de escândalo ao acontecimento?

Creemos bem que não é com atitudes e concessões destas que o poder se revigora, antes se avilta».

Aflito lança este apelo:

«Daqui apelamos para quem nos pode ainda valer na convicção renovada de que nem tudo está perdido».

Nós ficámos (sic) na expectativa, atentos e firmes nesta trincheira em defesa da verdade e da justiça». (In «Notícias de Melgaço» de 27-5-1970 sob a epígrafe «Ainda sobre as águas de Chaviães»).

Assim falou nesta data o dr. Abel. Desde então nunca mais. Agora falo eu para corrigir o escrito que, para não variar, é infeliz como os «irmãos» seniores e juniores.

* * *

Faço minha a pergunta do dr. Abel:

«Porque se deixaram chegar as coisas a este ponto? ...».

O dr. Abel, se quiser escutar, tem de fazer sua a minha resposta que é esta:

As coisas chegaram ao ponto quente de um conflito que ameaçou ser grave, porque responsáveis não fizeram caso das informações prestadas pela Câmara, nem fizeram chegar ao seu destino, a tempo e horas, julgo eu, o inquérito feito pelo prof.

(Continua na 4.ª página)

e) Finalmente o P.e António Rodrigues disse ter sido eu quem aconselhou o Prof. Vaz a interromper o abastecimento de água ao fontenário do lugar da Costa.

Aduz agora, como argumento, que eu teria afirmado que tal água iria ser cortada.

Todavia, embora não possa recordar-me de tal conversa, o certo é que, mesmo admitindo-a, o muito que ela podia significar é que tive conhecimento antecipado das intenções do Prof. Vaz e não que fui eu quem o aconselhou nesse sentido.

Com efeito, é falso que o tivesse feito, embora não existisse em dar tal conselho, se o mesmo me fosse solicitado.

Esta é que é a única cara da verdade, que ninguém poderá desmentir.

E o P.e António Rodrigues que propositadamente silenciou ou tentou desvirtuar parte desses pontos, tem de reconhecer que não respeitou a verdade.

(a) ABEL AUGUSTO VAZ

O ambiente nesta linda freguesia de Coussó, situada nesta encosta, é deveras atraente. Isto por muitos aspectos: crianças a passar estrada fora logo de manhãzinha em direcção à escola; pessoas mais descansadas e ao mesmo tempo contentes depois de passada a grande e dura faina da recolha dos frutos; emigrantes que chegam, em bom número já, dando a toda esta terra um colorido aliciente, apesar de o inverno parecer estar perto.

PREOCUPAÇÕES — Nesta freguesia assim como em qualquer outra anseia-se progresso. Vive-se a sua falta e procura-se a todo o transe a sua realização.

CEMITÉRIO — É uma necessidade para esta terra sentida por todos os seus paroquianos. A junta de freguesia auscultando a sua necessidade já meteu as mãos à obra para ver dentro em breve a sua concretização. Cemitério Novo? Talvez; com a ajuda de todos, a coragem de alguns e apoio incondicional da Câmara de Melgaço que vê esta mesma necessidade, iremos avante com a realização de tal ideia.

CATEQUESE — Já foi iniciada a catequese dominical nesta freguesia o dia 21 de Outubro. Logo no primeiro dia, tivemos nesta igreja a presença de 90 crianças, para as quais se apresentaram 9 dedicadas catequistas, para a sua educação cristã.

BAPTIZADOS — No passado mês de Outubro tivemos nesta igreja o baptizado de José Coutos Gonçalves, filho do sr. Manuel de Jesus Gonçalves e Maria Gregório; e também do menino José Manuel Alves Esteves, filho de Abel Esteves e de Maria Guiomar Alves.

No mês de Novembro, dia 25, baptizou-se o menino Elias Fernando Gregório, filho de Manuel Gregório e Amabélia de Jesus Veloso.

Agência de Viagens

“RUMO”

Passagens Aéreas e Marítimas

Bilhetes de comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Postos de Câmbios do Banco de Agricultura

TELEF. 42278 — MELGAÇO

Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas Automóveis e Estabelecimentos

TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, L.da

Rua do Almada, 25 — PORTO — Tel. 25326

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR

★

Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

BRASILEIRA DO PORTO

CAFÉS

61, RUA SÁ DA BANDEIRA, 91 * PORTO

Pela Câmara Municipal

10.ª Ronda das Sessões

Depois da breve pausa na 7.ª ronda para «aturar» o dr. Abel Augusto Vaz, vou prosseguir com a 10.ª.

Com este preâmbulo, justifico o atraso.
Sessão ordinária de 16-5-1973.

Traslado:

«Conta a Câmara com a visita de Suas Excelências, o Senhor Presidente da República e Ministro das Obras Públicas. Assim delibera a Câmara mandar cunbar medalhas comemorativas a preparar a recepção devida, encarregando o sr. Presidente da Câmara de tratar de todos os assuntos para o efeito».

Foram duas as deliberações de cuja execução assumiu o encargo o Presidente da Câmara, dr. Sidónio S.S.S.S.: a cunhagem de medalhas comemorativas da passagem por Melgaço, a vez primeira, do mais alto Magistrado da Nação, o Venerando Chefe de Estado, Almirante Américo Deus Rodrigues Tomás e de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Rui Sanches, e a preparação de recepções condignas a estas altas individualidades.

O Presidente desempenhou-se bem do segundo dos encargos. Registo-o com prazer.

O povo assistiu em grande número, sobretudo à recepção ao Chefe de Estado — a Câmara pôs transportes à disposição — e ambas as autoridades foram recebidas em ambiente de carinho, simpatia e festa.

Assisti do meio da massa anónima. Gostei. Não o digo por favor, mas por dever de quem deseja informar da verdade. Quando esta for amarga, cáustica, não me atribuem às culpas.

Penaliza-me ter de fazer dois reparos que, aliás, não ensombram o brilho das recepções:

1 — Não foi um Batalhão da G.N.R. que prestou honras militares ao Chefe de Estado, como vinha no programa distribuído.

Admira-me que o dr. Sidónio não saiba distinguir uma companhia dum batalhão, ele que foi praça no exército.

Não gostei dos gaiteiros na recepção ao Ministro das Obras Públicas. Ou mais, como merece, ou nada.

Gosto de ouvir o grupo de gaiteiros da freguesia de Parada do Monte. Mais. Admiro-o pelo esforço e tenacidade que representa numa terra sem ambiente, sem recursos, isolada e esquecida.

Mas naquele acto foi mais uma «galegada»; não é música própria para recepções a altas individualidades.

Penso assim.

Admito que discordem; não pretendo atrelar ninguém à minha opinião.

Diz o povo: «Se não fossem os gostos que seria do amarelo?»

Os gostos são discutíveis.

O facto, porém, está na linha de outros anteriores. Não me surpreendeu.

O dr. Sidónio tem quatro filhos legítimos, todos galegos e castelhanos, portanto espanhóis, por nascimento, apesar de viver em Portugal onde ganha o pão deles e o seu, desde antes de ser pai.

Já dizia Virgílio, «cada qual tem o seu gosto que o arrasta».

O gosto do dr. Sidónio S.S.S.S. está patente.

O Presidente não cumpriu a deliberação relativa à cunhagem de medalhas comemorativas de que a Câmara o encarregou.

Não atino com a causa que o possa ter demovido. Ter-lhe-iam dito que talvez não fosse muito acertado cunhar uma medalha para comemorar simples visitas de individualidades portuguesas a terra portuguesa?

Não sei; sei que as medalhas não apareceram a público.

Quando daqui a 300, 400 ou mais anos, um sucessor do Reverendo P. Bernardo Pintor, ilustre filho de Melgaço, exímio e apaixonado basculhador de antigualhas melgacenses, descobrir a acta, procurará, em vão, exemplares das tais medalhas.

A Câmara fará bem anular, nesta parte, a deliberação de 16 de Maio, ou então, os senhores vereadores, professor José Augusto Lourenço e colega, que obriguem o Presidente a cumpri-las já que delegaram nele esse encargo que não recusou. Dois votos, democraticamente, pesam mais que um.

Para já, e na parte referida, a deliberação ficou no tinteiro, perdão, no livro das Actas.

A Câmara deliberou, mas não executou.

Precisa de folgo.

A. RODRIGUES

(Continuação da 3.ª página)

Secção de Rescaldos

Rodrigues sobre o assunto, visto ser contrário às suas conclusões o despacho ministerial.

Nem a Câmara, nem o Ministério estão no rol dos culpados.

* * *

O acordo não foi desprestigiante, nem desastroso, como erradamente afirma o dr. Abel.

Não foi desprestigiante.

A autoridade local não perdeu prestígio, ganhou-o. Cumpriu o despacho superior que mandava repor a ligação da água ao depósito, conseguiu uma concessão maior do que a esperada da parte dos regantes, como adiante direi, e tudo na melhor harmonia, sem recurso ao odioso, injusto e condenável direito da força.

Não o usou, não se aviltou.

A autoridade saiu prestigiada e revigorada.

Também não foi desastroso.

O vocábulo desastroso significa que produz ou provoca desastres ou acidentes funestos ou infaustos.

Ora nada disto aconteceu. Reina a paz há mais de quatro anos

O «arúspice» enganou-se nas suas futurasções.

* * *

Porque haviam de corar de vergonha o Presidente da Câmara e os regantes, autores do acordo?

O acordo trouxe a paz; a paz é um bem. Será o bem motivo para corar de vergonha?

A falar verdade, também não percebo como o *estralejar do foguetório* poderia conferir foros de escândalo ao acontecimento.

O *estralejar do foguetório* foi uma manifestação de alegria por um bem que se conseguiu, a paz.

Será a paz motivo de escândalo?

O dr. Abel atira com cada uma l...

* * *

O poder não fez qualquer concessão.

Os regantes é que não só cederam água para oito fontanários — a direcção tinha-se comprometido para cinco — mas também para dois bebedouros para o edifício escolar de Chaviães.

O seu a seu dono.

* * *

Atrapalhado e muito apreensivo, porque o acordo não era como desejava, o dr. Abel *apela para quem lhe pode valer na convicção renovada de que nem tudo está perdido*.

Confronte, o leitor amigo, este apelo, com o seguinte relanço do artigo citado:

«Resta-nos, porém, a consoladora ideia de que nem tudo está perdido e de que as decisões ilegais dos corpos administrativos são susceptíveis de recurso a interpor por qualquer cidadão no pleno uso dos seus direitos cívicos».

Então, por que motivo o dr. Abel *apela para quem lhe pode valer*, sendo cidadão no pleno uso dos seus direitos cívicos sobre ser advogado, portanto, perito para interpor o tal recurso?

Podendo valer-se a si mesmo, para que *apela para quem lhe pode valer*? Tendo o remédio na mão para que pede socorro?

Não confia em si? Faz muito bem.

O dr. Abel continua aflito com a solução indesejada atrapalhada na garganta: ninguém acudiu ao pedido de socorro, e não interpos recurso.

Afirma que tem *a convicção renovada de que nem tudo está perdido* e que lhe *resta a consoladora ideia de que nem tudo está perdido*.

Facto consumado: tudo perdido.

De nada valeu ao dr. Abel a *convicção renovada*, nem a sebastiânica *consoladora ideia*.

* * *

Na trincheira *audaz* não há sinais de vida, há silêncio sepulcral.

Onde estará o jornalista *«soldado»* que prometeu estar *atento e firme em defesa da verdade e da justiça*?

Alguém mo saberá dizer?

Desde que o prof. Rodrigues deixou a presidência da Câmara, nunca mais disparou uma das suas zargunchadas.

Porquê? E prometeu estar *atento e, não só atento, firme!* Que firmeza e que atenção pode ter o *«soldado»* que deserta?

Se dantes tinha razão, ainda hoje a tem.

Porque não fala?

Se a não tem agora, também a não tinha dantes.

Porque falar tanto?

Abro aqui um parêntese.

O dr. Abel nem sempre fez campanha contra o prof. Rodrigues. Primeiro elogiou-o e tomou parte na homenagem que lhe foi prestada em 24-9-1967 no 8.º ano da sua investidura, promovida pelo prof. José Augusto Lourenço, que depois virou, e pelo sr. Machado Duarte, Delegado da L. P., que não virou;

mais tarde, cerca de dois anos depois é que iniciou a tal campanha injusta *«acolitado»* por uma pequena parceirada. A raivazinha não morreu.

Fecho o parêntese.

O dr. Abel não fala agora — e tinha tanto que dizer, se quisesse! — porque é Presidente da Câmara o seu amigo dr. Sidónio; falou dantes porque era Presidente da Câmara o prof. Rodrigues.

A finalidade do dr. era beliscar o então Presidente da Câmara e não a *defesa da verdade e da justiça!*

A prova está feita.

A situação ainda hoje é a mesma, aquela com a qual não concordou, mas nunca mais abriu a boca!

* * *

Admiro, sem espanto, como um dr. desafina em dose grande e se enrodilha tantas vezes no que escreve, donde não pode sair airoosamente. As afirmações inexactas — fraco cabedal —, mistura, numa amálgama de salada, erros de gramática e promessas que não cumpre.

Gostos que não gabo!

Para terminar ofereço ao prezado leitor, para pábulos da sua curiosidade, este período extraído do artigo citado do jornalista, dr. Abel:

«Chegou a hora da luz jorrar em caudais fluorescentes sobre os nossos olhos cegos». Aqui não há sentido escorreito, há palavras *«encanestradas»* com a marca inconfundível do dr. Abel.

Que benefício presta a olhos cegos a luz, mesmo a jorrar em caudais fluorescentes? Eis a razão dos deslizes que aponte: *olhos cegos*.

A. RODRIGUES



CAVES DA
Montanha
A HENRIQUES LÓA

Espumantes Naturais,
Brandies, Vinhos de Mesa
e Licores

ANADIA Telf. 52260

FILIAL: Largo da Estação, 141 - Rio Tinto

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Sr. COMERCIANTE:

Deseja ver os seus
artigos a ser rápida-
mente vendidos?
Anuncie desde já em
«A VOZ DE MELGAÇO»